



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO X * N.º 248 * PREÇO 1500

O Problema da Assistência e o Estado

Depois do problema da Assistência e a Igreja, como vinha ultimamente neste quinquenário, vejamos agora com o Estado. É trabalho do mesmo jovem engenheiro, a quem um toque da Graça fez padie da sua Alegria-mo-nos. Ninguém dá se lhe não for dado. Todo aquele que recebe do Alto, dá de graça. O Carlos Galamba está aqui a dar. A mim, por exemplo, dá a certeza de que pode num futuro breve, aliviar as minhas penas.

Não nos importa aqui tratar dos vários sistemas de relação entre a Igreja e o Estado. Pensamos concretamente em um: o nosso actual.

Todo o Estado existe para a nação, para bem servir a nação. O regime português tira deste pensamento o seu lema.

No sistema concordatário vigente que é em rigor um sistema de separação, o Estado, ao negociar com a Igreja, teve em mente o benefício da nação. Tratou com Ela como com qualquer sociedade, estabelecendo um pacto pelo qual fez cedências, mas do qual, por sobre elas, julgou tirar lucro para o País.

Em minha opinião julgou muito bem. Pena foi que das circunstâncias concretas da vida nacional ou da vontade dos homens, não resultasse um sistema de colaboração mais vasta. A generosidade do Estado, nesta matéria, seria amplamente compensada pelos benefícios que adviriam para a nação e para os próprios serviços assistenciais do Estado.

Vimos a competência da Igreja em questões de assistência social. Dissemos que o Estado inteligente e sério busca diligentemente o maior rendimento em todos os sectores da actividade nacional. A conclusão é óbvia. O Estado pediria à Igreja que se ocupasse de toda, ou ao menos, de certos sectores da Assistência Pública. A Igreja, por dever e devoção, não se recusaria. O Estado prestaria o seu concurso material e, inteligente, discretamente, sem violar a organização da Igreja, fiscalizaria, mais pelos efeitos da obra realizada do que pela letra morta, tantas vezes sufocante do espírito que vivifica. Seria um serviço a bem da nação!

Ouçamos S. Santidade Leão XIII: «O que se pede aos governantes é um concurso de ordem geral, que consiste em toda a economia das leis e das instituições; queremos dizer que devem fazer de modo que na mesma organização e do governo da sociedade brote espontaneamente e sem esforço a prosperidade, tanto pública como particular». E, depois de lembrar aos governantes os deveres de «cuidar igualmente de todas as classes de cidadãos» e de «proteger de modo especial os fracos e indigentes»; depois de «deplorar amargamente» a negação às associações religiosas do que «se concede a homens que

meditam planos funestos para a religião e também para o Estado», o Papa avisa: «Proteja o Estado estas sociedades fundadas segundo o direito (Associações Corporativas erigidas por católicos); mas não se intrometa no seu governo interior e não toque nas molas íntimas que lhes dão vida; pois o movimento vital procede essencialmente dum princípio interno e extingue-se facilmente sob a acção de uma causa externa».

Pio XI confirma a palavra do antecessor: «O Estado cristão deve também concorrer positivamente para esta obra espiritual da Igreja (a edificação da sociedade cristã), ajudando-A na Sua missão, com os seus próprios meios, os quais, embora externos, não contribuem pouco para o bem das almas». Depois de lembrar ao Estado a obrigação de providenciar o bem comum, de administrar prudente e sóbriamente, o Santo Padre reclama liberdade para a Igreja «cumprir a sua missão divina e espiritual, com que contribue poderosamente para salvar os povos da terrível tormenta da hora presente». Adiante acrescenta: «Faz-se hoje por toda a parte angustioso apelo às forças morais e espirituais; e com razão... Ora entre as forças morais e religiosas, sem controvérsia, acima de toda, eleva-se a Igreja Católica; e por isso, o próprio bem da humanidade exige que não se levantem

(Continua na segunda página)

ECOS DO CASAMENTO

Por falta de espaço em o número anterior, vão hoje dois aspectos da festa. São os convidados de honra. Primeiramente os irmãos dos nubentes Júlio e António. Estes dois, na verdade, entraram pela mesma porta, durante dez anos comeram do mesmo prato e são irmãos. Se hoje vivem em sua casa, são nossos como eram ontem.

sorte de convidados de honra; os trabalhadores que se empregam nas obras da Obra da Rua, casas de pobres inclusivé. Eu botei as mãos à cabeça, ao vê-los juntos! Disse-me o Mestre que estavam 135 homens e que tinha faltado um por não ter roupa decente. Cento e trinta e cinco famílias! Quanto dinheiro não é preciso pa-



Haja alguém que sublinhe e mande ao Ministério do Interior.

Este número revoltado e alegre, é uma parte diminuta da grande família das casas do gaiato. Se viessem todos de todas as casas, não cabiam. Que alguém se levante e sublinhe e faça constar no Ministério do Interior.

Também apresentamos outra



Haja alguém que sublinhe e mande ao Ministério das Obras Públicas.

ra os jornais dos operários! E se nós fôssemos buscar e reuníssemos na igreja os mais que trabalham em Miranda e no Tojal e por Portugal fora, nas casas do Património; se isso fosse avante, digo, eu mesmo ficaria esmagado, sem compreender como todos recebem a sua féria, religiosamente! E se com estes trabalhadores viessem também as mulheres e filhos, teríamos uma reunião magna de famílias, às quais a Obra da Rua vem dando caldo e pão. Que alguém se levante e sublinhe e faça constar no Ministério das Obras Públicas.

A nossa economia consiste em fechar os olhos e abrir o coração, com inteligência, aos que de nós precisam. O compêndio por onde estudamos é o Sermão da Montanha. Daí a medida sem medida; milhares e milhares e milhares!

PROPAGAI

«O Gaiato»



TRIBUNA
DE COIMBRA

Uma inauguração é sempre um motivo de alegria e de festa.

Nós, apesar de andarmos afeitos a elas, nem por isso deixamos de regozijar muito com mais esta. Tem um gosto especial; fruto de mais canseiras e de mais tormentos!

Connosco hão-de regozijar-se todos os nossos amigos.

O 6 de Setembro vai ser um dia grande para a história da Obra da Rua. O Snr. Bispo de Coimbra vem passar esse dia connosco. Ao meio dia Sua Ex.^a Reverendíssima benzerá a casa nova e depois comerá do nosso caldo.

As três horas da tarde os gaia-tos apresentam-se: o chefe dirige a festa; o *Enguiço* agradece; o *Sardinha* vai falar da história da Casa, berço da Obra; o *Tira-olhos* fala pela cozinha; o *Carequita* pelos do campo. O *Jaquim* vai à frente dos da limpeza; o *Figueiredo Saco* relata a venda do jornal; e o *Russo* aparece com os *batatas* em peso.

Não faltarão também os pequeninos a comprar na loja do *Mestre André*; o orfeão apresenta-se várias vezes e *Malaposta* canta o *zinzinho*. O Snr. P.^e Américo também tem que falar. Vai aparecer tudo e de tudo. Vão também estar presentes os nossos amigos e especialmente os que contribuíram para a construção.

O Snr. P.^e Américo dizia no último número que ele é que tinha andado. Se fossemos todos naquele passo, esta inauguração demoraria ainda muitos anos. (O Snr. P.^e Américo andou muito pouco para esta casa!...)

O primeiro acto a que estaremos todos presentes é na patena, à Santa Missa, que será cantada na nossa capela às oito horas. Nessa hora tudo estará presente no altar para ser oferecido ao Pai do Céu.

Estarão presentes os senhores dos armazéns do Porto que nos deram nove contos de ferro para vigas e placas. Estará a Empresa Vidreira da Fontela. Estará também uma fábrica de azulejos e mosaicos com um mundo deles; e outra com cem metros de azulejo para o balneário; e ainda outra de porcelanas com o azulejo para a sala de jantar e copa e parte da cozinha e um quarto de banho; estas fábricas são de Coimbra.

Estarão a Aleluia de Aveiro, a Empresa de Cimentos do Lis de Leiria, a Covina de Santa Iria, a CUF de Lisboa e a Adico de Avança, todas com descontos especiais.

E virá S. Martinho do Porto e Nazaré e Monte Real e Figueira e Luso e Coimbra toda por onde andamos a pedir.

Estará também a assistir do céu o Snr. Dr. Carlos com tanta madeira que nos deu. Estarão todos os que vieram por carta ou à mão, aos vendedores ou directamente. Moralmente, estaremos todos presentes nesse dia no altar da Santa Missa.

Presentes fisicamente quere-mos que estejam também muitos. É um dia cheio. Ninguém se há-de arrepender de vir. Muitos dos nossos farão nesse dia a Comunhão Solene na igreja paro-quial.

O Snr. P.^e Américo chama a esta casa a mais linda da Obra. Um Snr. Dr. Juiz diz que nunca viu cozinha tão boa. Um grupo de sacerdotes novos afirmam que os seminários não têm salas de jantar iguais. Tudo um encanto!

Estará agora presente o Snr. P.^e Américo. Quem quiser vê-lo e ouvi-lo, aproveite agora. Depois não me andem a moer por esse mundo fora que já há muito tempo o não vêm; que gostariam de o conhecer; que desejavam ouvi-lo falar!... Aproveitem agora.

Os do sul vão até Condeixa e tomam a estrada de Miranda do Corvo; os do norte chegam a Coimbra e perguntam ao sinaleiro da ponte de Santa Clara onde é Miranda e andam vinte e seis quilómetros; os do nascente vão à Lousã e seguem estrada fora; os do poente chegam a Condeixa ou Coimbra e acompanham os do norte e os do sul e lá nos encontraremos todos. E até ao próximo dia 6 de Setembro, se Deus quiser.

PADRE HORACIO



Crónicas de África

Demos início à longa travessia que vai de Accra a Robert Field na Libéria. A hospedeira servenos o pequeno almoço, um nadinha menos do que no *Constellation*, sim, mas suficiente e consoante os nossos hábitos. Passam de mão em mão livros e revistas. Fala-se do que ontem tínhamos visto e ouvido em Accra, e os que conhecem a rota também falam do que vamos ver na paragem seguinte. Eu espreitava pela vigia, tendo notado que iam a pouca altura por sobre planícies alagadiças e exuberantes, com o mar à vista agora e logo dava-me pena não conhecer. Já assim tinha sido na Costa do Ouro e o mesmo digo de outras terras por onde passei. Gostaria de ir às origens. Saber os costumes, as línguas, a religião, a política, a economia, a história, tudo. Júlio perguntava-me, pelo que era maior a minha confusão! Muito pela rama tinha lido algures que no coração da África vivem uns setenta milhões de homens: e era por sobre este coração que nós voavamos; e eram aqueles milhões que povoavam estas terras. Até aqui chegavam os meus conhecimentos e isto era muito pouco para o que eu desejava saber. O dia era de sol. Boa visibilidade. Tinha os olhos ocupados, e não me cansava de louvar a Deus nas suas altas maravilhas. Pensei mesmo se existirá o homem que tenha o conhecimento minucioso e adequado de toda aquela extensão de mundo, com seus reinos da Natureza. E se ele, esse homem, de facto existe, quão feliz! Como as horas davam para tudo e o nosso espírito não está quieto, eu fui subindo, subindo e subindo até chegar à Omniscien-

Ecoss do Atlântico

Por P.^e ELIAS

Bem me lembro que faz por agora um ano. Bem me lembro da revolução que se fez no meu espírito naquela noite, passada no Tojal. Eu levava papeis, habituado a apontamentos. Queria regras, peso e medida, regulamento. Deixei-se de apontamentos, disse-me o P.^e Adriano perante o meu entusiasmo. *Seja pai, considere as crianças como filhos. Vida de família. O Evangelho. Intenção. Nada de complicar o que é tão simples.*

Eu é que não estava habituado e por isso mesmo fez-se noite espessa no meu espírito. Foi um duche de água fria. *Ir para os Açores sem apontamentos?!*

Depois as minhas pupilas foram-se habituando àquela luz, caíram-me as escamas dos olhos e eu vi que realmente era simples o que eu queria complicar. Bem me lembro da minha primeira visita à Curraleira e da noite seguinte povoada de sonhos horripilantes. Entrei na toca da octogenária com ambas as pernas partidas pelo abutre que lhe roubara a neta. A filha acabava de chegar do Limoeiro. Lembro-me do que ela nos disse, condenando muita gente. Guardei tudo e trouxe comigo.

Pelos fins de Setembro, andei por terras da minha terra, visitando os bairros dos Lázaros, que

também os temos e eu não conhecia. Andei mendigando os filhos da gente pobre e de má nota. Ninguém compreendia. Ninguém acreditava. Julgava-se que era mais um *asilinho*, onde os rapazes seriam apenas números nos livros da secretaria e mais nada. Julgava-se que eram mais tachos, mais comedelas, mais injustiças. Não faltou a cobiça porque até se julgou que o meu provento era grande. A carne!

Fui para a imprensa local com o geito que Deus me deu. Falei de amor, de família, de um pai, de outros irmãos, de desinteresse total. Disse para que vinha—servir—e apareceram os primeiros.

Limpou-se a casa, preparei com as minhas próprias mãos, oitoinhos frescos e começamos. Foi no primeiro de Outubro do ano passado. Não houve corte de fita—escândalo! As obras de Deus começam quase sempre por escandalizar os *prudentes*. Benzi um crucificado, dependurei-o no dormitório e à noite com os três primeiros fiz a consagração da casa, ao Santíssimo Nome de Jesus. Começou aqui o que muitos julgavam ainda impossível.

As fontes começaram a correr para jamais se secarem. A lista dos pedidos para a admissão dos garotos, chega a ser assustadora.

Foi a palavra amor. Foi a palavra família.

Hoje, os meus trinta garotos, são o mimo de toda a gente. Vejo lágrimas nos olhos de muitos, quando passo pelas ruas com algum deles pela mão.

Não sei quem um dia me assustou, antes de conhecer a Obra da Rua, dizendo que a nossa gente era outra e que os nossos rapazes eram outros também. Nada mais falso. Os rapazes são sempre os mesmos.

Simplemente, a grande proximidade da nossa casa, da cidade, me traz um espinho. São as famílias dos garotos que por tudo e por nada sobem cá cima a indagar dos carinhos que os filhos nunca receberam e hoje têm.

Não admira. São olhos habituados à treva e isto é luz demasiada talvez.

Agora toda a gente espera com ansiedade a visita do Pai Américo. Será a consagração.

Venha Pai Américo que já são mais trinta filhos. Eu digo-lhes que o Pai Américo, chegará de avião, sem ninguém o esperar. Eles batem palmas, gritam e ficam à espera.

O Problema da Assistência e o Estado

(Continuação da página anterior)

obstáculos à sua acção». E, dirigindo-se aos governantes, termina: «Confiamos que aqueles que governam as nações, por pouco que observem o extremo perigo que ameaça hoje todos os povos, cada vez sentirão mais vivo o dever de não impedir a Igreja no cumprimento da sua missão; tanto mais que, ao realizá-la, enquanto procura a felicidade eterna do homem, trabalha forçosamente também na sua felicidade temporal». Oxalá que esta voz não clame no deserto!

CARLOS GALAMBA

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR
TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A
TIPOGRAFIA DA CASA DO GALATO
PAÇO DE SOUSA

Agora

Não sei se os senhores se recordam do que se passou na Beira em Setembro do ano passado; do que me deram então; do que veio depois; do que está chegando e finalmente da reserva que lá está para vir. Uma carta do Magalhães Costa da Casa Caravela é documento de boas notícias. Tem a data de 23 de Julho. Além da notícia de mais duas casas como se disse em o derradeiro número, traz aviso de mais uma pancadaria de contos angariados entre sócios e comerciantes da Associação Comercial da Beira.

E como se tudo isto fora pouco, o Sr. Magalhães Costa informa: *também cá na Caravela temos uma lista, a qual já tem cerca de quatro contos!* De sorte que nós, os Padres da Rua se já antes eramos poucos, agora somos menos em virtude do muito que nos confiam e do muito a que nos obrigam.

Vai pois aqui na precissão a Associação Comercial da Beira. Os senhores arrumem-se. Dêem espaço. É muita gente e todos afeitos a larguezas.

Casaldelo também vai com 200\$. Aquele senhor da prestação mensal de um conto de reis, não falta. Nem Deus a ele! Lá de muito longe, Xai-xai, vem um Cristão Evangélico com 250\$ na mão. Uma Flaviense vai com uma telha de 90\$. Outra telha de uma mãe, 30\$. Cautela! Não pisem que é pequenino. Nasceu ontem e vai aqui com o seu primeiro abono de família! É de Lisboa. O Porto vai ao pé; um rapaz que economizou 20\$ em tabaco, durante um mês! Quem não há-de fazer casas como quem fez caixas de fósforos, — quem?!

Ultimamente tem aparecido no Banco Espírito Santo do Porto senhores ou (senhoras) a procurar a conta do Património dos Pobres e deixam ficar; vão aqui três Desconhecidos com 600\$, 300\$ e 150\$. Quem não há-de construir uma Casa de Repouso para os incuráveis, com a doutrina de *Aquele Tempo!* Não será ela, também, Património dos Pobres?! Mais a 5.^a prestação do saldo do meu filho. Tal mãe, tal filho! Um parafuso de 20\$. Uma telha de Sardal de 50\$.

Esteve aqui ontem um funcionário da Companhia de Diamantes; um devoto das Casas dos Pobres, que já tinha mandado dinheiro para uma e agora, trouxe um cheque para a segunda! Foi por ele que eu soube do significado da palavra *funcionário*. Cuidava eu, lendo as extensas listas dos nomes, que eram todos empregados da Companhia, — mas não. Trata-se de funcionários da Administração da Lunda. A par do Pessoal da Companhia, assinam homens da Fazenda, da Alfândega, dos C. T. T., de Tudo. É por isso mesmo que esta segunda casa chama-se *Casa da Lunda* — *Chitato*. Setenta e dois indivíduos deram o nome para ela.

Já agora, deixe-se entrar este atrasadinho que foi por 500\$ no Banco e quer ir; é de Costa Cabral.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

A gravura que ora se dá à estampa parece, sim, mas não é uma casa do Património, conquanto seja destinada ao mesmo fim. Ela tem o nome de *Moradia Vicentina*. Esta e mais duas são as primeiras que se erguem com este nome perto da cidade de Viseu e são destinadas às famílias pobres de que os Vicentinos cuidam. A designação é feliz *Moradia Vicentina* quer dizer que os confrades vão ao encontro das necessidades dos seus pobres; que



«Moradias vicentinas» da cidade de Viseu, estão aqui a chamar por outras e outras e muitas mais. Para cada Pobre sem lar, haja uma.

dão além da clássica e minguada esmola semanal; que se afigem, sofrem, são irmãos. É preciso que os Vicentinos façam casas. A doutrina do Património dos Pobres nem sempre encontra a boa vontade dos párocos e aonde isto acontece, é evidente que nada se pode fazer. O Pároco é um só em cada freguesia. A sua opinião é a que prevalece. Pode haver dinheiro e materiais para a construção; pode existir grande urgência de casas; porém elas não se constroem. Ora com os Vicentinos já assim não é. Uma conferência é sempre composta de vários confrades. Podem discutir o caso entre si. Nas discussões faz-se luz e desta luz fazem-se *Moradias Vicentinas*. Não é preciso a intervenção do Pároco. Há casas aonde os Vicentinos têm construído contra a vontade deles. Seja Pedro. Seja Paulo. Seja Barnabé. Que se escreva *Património dos Pobres* ou *Moradias Vicentinas*. Não importa. Nada disto interessa. O que se pretende é que Cristo seja pregado e conhecido e procurado. Ale gremo-nos todos por isso, com o nome sedutor *Moradias Vicentinas* e que além de Viseu muitas outras cidades de Portugal levantem monumentos da mesma natureza.

Voltando a Pataias damos aqui a segunda carta e fotografia dos 7 pequeninos construtores de casas do Património:

«Recebemos a sua carta com a qual ficamos muito contentes por nos ter mandado dinheiro. Nós já temos em dinheiro 8 027\$30, mas ainda não demos a volta aqui por Pataias a receber a resposta das circulares e também já temos oferecidos 4 eucaliptos da Câmara de Alcobaça e ainda 2 pinheiros duma outra pessoa. E esperamos blocos de cimento, telha, tijolo, etc. etc. Já me estava a esquecer que também já temos os pregos todos. Não escrevi há mais tempo por causa da fotografia; nós tiramo-la logo no mesmo dia

que recebi a carta do Sr. Padre Américo, mas elas levam sempre um bocadito. Já temos o terreno oferecido pela Câmara de Alcobaça à qual escrevemos também uma carta, mas não podemos utilizar já o terreno porque tem de vir uma licença de Lisboa do Ministério do Interior e estamos à espera; escusávamos de gastar o dinheiro no terreno, pois os terrenos cá, são muito caros. Nós já andamos a ver. Estamos muito agradecidos ao Sr. Padre Améri-



Os sete grandes

infantium. Se me não engano e por uma vez que ali passei, a igreja da paróquia fica situada num largo, — agora muito mais largo! Agora mais vistas! Mais nome! *Ex ore infantium!* Como Deus não há-de amar este acto de misericórdia! Catequese prática, viva, frutuosa, esta de Pataias. Era assim no tempo dos Apóstolos.

Pela vida fora destes 7 e mais companheiros, vai com eles a cequinha, vão os seus filhos, vai a centopeia, que passou por cima

DOUTRINA

Ontem esteve aqui o Piolho, que é, como toda a gente sabe, o Fernando Marques. Ele é do Lar do Porto. Subiu e ambos fomos até à varanda espalhar. O rapaz entra imediatamente na matéria, sem querer apreciar as lindas vistas da formosa quinta. Deseja melhorar a situação. Ouviu falar de uma Companhia em formação, no Porto, e vem-me pedir carta de apresentação. É a Hidráulica do Douro, informa o pretendente. O Governo, continua, deu pra lá muito dinheiro e eu também quero comer algum. Aquele também, seria um bocadinho comprometedor, se nós não soubessemos já da liberdade de linguagem do Piolho. Dei-lhe uma carta. Vamos a ver.

Tenho confiança nestas grandes Empresas. São de força e de luz. As suas instalações andam a par dos tempos. E sobretudo, pagam bem a quem as serve.

Há tempos, tive a felicidade de colocar um rapaz na Hidráulica do Cávado. Pois bem. Foi imediatamente convidado a dar o lugar a outro.

Uma das causas aflitivas na nossa Obra, reside, justamente, na colocação dos rapazes, uma vez que nos propomos levá-los até ao fim. Eles ganham muito pouco. Tirante este da Eléctrica do Cávado, não há um que se governe — quer no Porto, Coimbra ou Lisboa — nem um! Somos nós; nós temos de suprir.

Se formos a ver aonde é de quem, não se descobre, mas o erro existe. Erro social. A teoria diz que a sociedade se deve organizar a bem do homem e a prática demonstra que este vive para o bem daquela.

Mas aonde o mal cai em cheio, é na vida particular destes mancebos. Eles pretendem naturalmente o seu lar, e isso é-lhes vedado. Toleram a vida, não a vivem. Eu sou o confidente das suas angústias. Assim marcham as multidões que, por descontentes, facilmente dão ouvidos a novos doutrinadores. Eles pretendem algo que preencha as justas aspirações da sua alma. Não é derrubar. Tão pouco ir contra. É a lareira, funda aspiração.

A Venda do Jornal

EM VIANA DO CASTELO

É com indizível satisfação, que venho relatar, isto é, dizer claramente como os amigos Vianenses nos sabem receber em suas casas, sempre dispostos a comprarem o seu jornal que eles gostam imenso!

É de costume sairmos de véspera para aquela amável terra que eu jamais esquecerei. Terra de gente católica, gente generosa. Quando começamos a nossa venda, eu e o meu colega Papagaio, não faltam pedidos para irmos comer, a suas casas. O jornal despacha-se sempre a tempo e horas. Enfim, no meu simples entender acho que não podem fazer coisa mais agradável.

O dia vai-se passando e nós alegres com a nossa clientela servida. A quinzena passada fomos um dia mais cedo visto aproveitarmos o feriado que foi sábado. A nossa casa habitual tem sido a do Sr. José de M. lo, que é incansável para sempre comermos em sua casa. Gosta imenso que nós vamos comer a sua casa. Eu, por intermédio do Gaiato, muitíssimo agradecido.

Várias vezes o Papagaio vai ter com o Sr. P.^o Constantino, pedindo para que faça prática sobre nós, isto é, para que a gente venda mais rápido os números que várias vezes sobram.

Foi no dia 28 de Julho, salvo erro, que o Pai Américo me destinou para eu comparecer no Lar do Porto, afim de eu ir tomar posse de um emprego. Sinto-me bastante satisfeito por ter dado a minha despedida de todos os meus queridos fregueses que eu vou deixar para sempre. Há cinco anos que os servia sempre com o jornal que por todos os portugueses é ambicionado.

Eu que já me retirei sinto muitas dificuldades com tantos costumes diferentes. Eu antes preferia voltar para Paço de Sousa. Foi lá que aprendi o que realmente sei hoje. Aqueles costumes. Horas marcadas para tudo. Isto é maravilhoso. Quero voltar ao berço da Obra que me tirou da penúria para uma vida nova. Muito agradecido estou a Deus.

Hélio

do rosto do mais pequenino; e vai também a moradia nova. Fica tudo na memória deles porque feito em memória de Cristo Jesus. Eu tenho que todos nós devemos empenhar em conduzir o mundo novo pelo caminho das obras de misericórdia porquanto cada um de nós é sujeito e objecto da misericórdia de Deus.

Se recebemos de graça, porque não dar de graça?

CARTAS

Diga-se o que se disser de «O Gaiato». Eu cá também não sei explicar, mas que a sua leitura volve e revolve as almas, isto é incontestável. Proquê, veja-se.

«Pecador à beira do pecado, li o Gaiato num momento terrível. Por ele, Deus iluminou-me, e fugi...

Bendito Gaiato que tanto bem faz às almas fracas.

Bendito Deus, que nos deu um despertador de consciências, um guia seguro e sábio.

Um incurável pecador.

A ocasião. A fuga. A libertação. A acção de graças. Glória a Deus nas alturas!

«Celebre uma missa, por todas as criancinhas, do passado, do presente e do futuro, suplicando a Nosso Senhor e à Mãe do Céu, que tenham compaixão de tão grande pecadora.»

Celebrei no altar de Nossa Senhora das Dores, na igreja dos Congregados, por todas as criancinhas do passado, do presente e do futuro. Quer dizer, em memória e por amor delas, das *Criancinhas*, eu pedi a Deus luz e arrependimento para os malfetores de qualquer categoria e sob qualquer forma. Eles dão ao mundo um estado permanente de pecado mortal. Que eles acordem e se levantem da morte, como fez o autor desta carta.

Mais esta:

«Estou, também, dentro do espírito da obra, ajudando uma família de camponeses, que têm sofrido há longos anos uma miséria imerecida, a conseguirem uma situação muito satisfatória e a montarem finalmente, em condições humanas, o lar dos seus 6 filhitos.

Digo-lhe isto, não para a seus olhos passar por boa, mas para que veja que vai dando frutos a semente que pelo Gaiato principalmente, o Senhor lançou em mim. Eu era uma *triste, cheta de dúvidas* e escrúpulos, sempre vergada ao peso dos meus defeitos e das minhas faltas. Hoje sei à mesma quanto desmereço, mas anima-me um espírito positivo, uma força e uma confiança que por vezes me deslumbram.

Sem eu saber bem como, tudo se esclareceu e aquela conversão que de há muito se operava no meu coração, atingiu o meu espírito totalmente. Já não discuto uma filosofia, aceito um facto, uma verdade que penetrou no mais profundo e íntimo do meu ser.

Como isto foi, dificilmente lho poderia contar, principalmente em poucas palavras. Tenho a consciência duma evolução, dum esforço voluntário, persistente e por vezes doloroso e depois, sem saber como nem quando, duma verdadeira iluminação de que só dei conta quando verifiquei a mudança da minha atitude espiritual.

Eis aqui uma revelação do profundo mistério da Justificação das almas, — à Obra silenciosa de Deus! E sempre sem se saber como nem quando. Nunca vi coisa melhor neste género! Que bem não fez à minha alma a leitura desta carta! Melhor ainda por não saber de quem se trata. Quando em Deus nos conhecemos, também por Deus nos amamos.

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL Venho agradecer, aos caríssimos leitores, as toaíhas que mandaram. Recebemos ainda poucas, e tenho esperanças de receber mais algumas. De uma toaíha que recebemos, vinha lá um bilheteinho que trazia as seguintes palavras: Joaquim, li, chorei e mandei.

Fiquei muito contente em terem ateadido o meu pedido.

Em breve teríamos o mundo modificado se todos, como esta, lessem, chorassem e mandassem.

O Mestre em Betânia, leu a angústia de Maria e de Marta; chorou a morte de Lázaro, e mandou que ele saísse do sepulcro.

—Os senhores, às vezes, hão-de julgar que somos maçadores por andarmos sempre com pedidos, mas é a necessidade que nos obriga. Por exemplo: nós tínhamos 12 pobres na conferência mas um dos rapazes que trabalhava na Covina, viu um pobre que mora numa barraca e que passa tanta fome que logo o veio recomendar à nossa Conferência.

Foi sargento da aviação de Alverca, mas por causa de uma questão que houve, saiu. Era casado, mas alguns anos depois morreu a mulher deixando 4 filhos orfãos.

Depois foi trabalhar alguns anos para a fábrica de vidros, mas apanhou a tuberculose que o deixou impossibilitado de trabalhar.

Ora nós fomos ver as contas, e já tínhamos um déficit de 1.000\$ mas mesmo assim, ele ficou a receber a nossa esmola.

Venho agradecer aos corações bondosos que nos têm auxiliado. Recebemos o donativo de 40\$00 de Lisboa, 20\$ de um sr. e os outros 20\$ de uma senhora. Continuou a pedir aos nossos leitores que não se esqueçam da nossa Conferência, nem da nossa Casa.

—Terminamos as nossas colheitas por este ano. Temos muito que agradecer a Deus, a grande produção que ajuda a nossa Casa.

Semeamos uma tonelada de batata e colhemos quinze toneladas e meia.

De trigo colhemos sete toneladas e meia. O milho é que foi menos, por causa da seca. Os nossos rapazes já o descamizaram todo à sombra das árvores, a cantar. Foi pena ser tão pouco; foram só dois mil quilos.

—Também nos tem ajudado muito um senhor do Tojal que fez a debulha do trigo e o enfardamento quase de graça, além de lenha e farinha e de muitas mais coisas que nos tem dado.

—Deram-nos, há pouco, uma cabrita. O pequenito Zeca pôs-se logo a dizer que a cabrita era dele. Mas como esta raça de animais roia tudo, tivemos de abatê-la, no dia da festa da Assunção. Foi uma festa. O Zeca não ficou nada contente e foi ralhar com o Sr. P. Adriano nestes termos: —Tu matas a cabrita minha, Zeca mata tua cabrita.

Não há perigo do Zeca se vingar porque já não há cá na Casa mais nenhuma, a não ser que alguém mande mais alguma que a gente cá lhe limpamos o cebo.

—Terminaram os nossos exames. Foram da 4.ª classe 14 e da 3.ª 18. Todos ficaram bem. Estão a tratar da matrícula na escola comercial o Carlos e o Vitor. Três dizem que querem ir para o Seminário, mas não podem. Os outros estão em ir para as oficinas e para o Lar.

Quem quiser bons empregados que diga agora.

Joaquim A. Gouveia Marques

LAR DE LISBOA No dia 5 do mês corrente, fizemos as nossas eleições de chefe, por via do Ernesto (antigo chefe) se ter ido embora. O Mário teve 6 votos, Carlos 5. Está-se mesmo a ver quem ficou a chefe foi o Mário, e temos a impressão de que vai desempenhar bem o seu papel.

—A nossa conferência está a progredir dia a dia, já temos 4 famílias a visitar que são: um casal de velhinhos; ele é canceroso e ela tem uma paralisia, moram na rua Sol Santana e pagam 90\$00 por renda. Outra é uma velhinha que mora sôzinha na Costa do Castelo. É muito pobrezinha, e como não tem possibilidades, pediu-nos para lhe arranjar uma bengala; se alguém tiver por aí alguma esquecida lembrem-se dela. Outra mora na rua dos Anjos e tem 12 filhas, fora os tios, avós e bisavós que moram numa cave. Vivem lá pelo menos 25 pessoas. E a 4.ª mora no bairro da Misericórdia, tem 11 filhas e só o pai e um filho na idade de 15 anos é que sustentam aquela gente.

Nós bem queríamos admitir mais pobres, mas os subscritores é que são poucos ainda.

—Nós, até agora, temos sustentado o nosso Lar.

Os nossos ordenados dão para a renda da casa que são 2.000\$00. Na venda do jornal arranjamos quase outro tanto que dá para a mercadoria. O que nos vale é a hortaliça do Tojal.

Com os exames feitos, vem aí uma enxurrada de rapazes que vão tornar pequeno o nosso Lar.

Victor Manuel Henrique Lopes

PAÇO DE SOUSA No dia 29 de Julho de 1953, realizou-se no nosso parque de jogos um renhido desalio de futebol, mas com bola de borracha, entre o Sporting Clube da Tipografia e os Carpinteiros.

Mais uma vez o Sporting mostrou a sua classe, ao derrotar o seu adversário por 11 bolas a 2.

Os melhores jogadores da Tipografia: Valente, Malaia, Costa Azevedo e Domingos. Dos Carpinteiros: Nicolau, Pastelão e Rogério.

Passados alguns dias, o Sporting Clube da Tipografia foi derrotado em três jogos consecutivos por 3-2, 3-1 e 2-1.

—No dia 1 do mês corrente, consorciaram-se no histórico mosteiro de Paço de Sousa, dois dos nossos irmãos mais velhos: Júlio Augusto Carvalho Mendes e António Joaquim Fernandes. A igreja estava completamente cheia, pois além dos gaiatos, estavam presentes todos os trabalhadores da nossa aldeia e povo da freguesia. Como não podia deixar de ser, estiveram também presentes: Sr. Padre Adriano, Sr. Padre Horácio e o futuro Padre da Rua Sr. Eng. Carlos Galamba.

A saída da igreja, os noivos ficaram com alguns «galos» na cave, pois os confeitos vinham de todos os lados e em grande número.

Enfim, foi uma grande festa, que todos sentimos e vivemos.

Todos nós sentimos comção, ao vermos estes nossos irmãos, que como nós, saíram do nada e agora põem o pé em terra segura, são úteis à Obra e à Sociedade.

—O Faisca pequeno fugiu. Com esta já são 4 vezes. Ele tem aversão ao trabalho e isso é que o leva a proceder desta maneira.

Vamos a ver se ele tem mais juízo quando voltar. Sim, quando voltar, pois a sineta lá fora não toca.

—Estão a passar férias em Paço de Sousa, o José Eduardo e o Faisca que ficaram bem nos seus exames. José Eduardo fez o quinto ano do liceu e o Faisca o segundo.

—Na terça-feira, 11 de Agosto, estiveram na nossa Aldeia os trabalhadores e dirigentes da fábrica dos ingleses, do Porto.

Ficaram encantados com a nossa Aldeia e quase todos compraram «O Gaiato».

—Ao pedido dos «gaiatos» que aqui fizemos ainda ninguém atendeu. Se calhar os nossos amigos não leram e eu lembro aqui os números: 1, 9, 10, 86 e 127.

O Senhor Padre Babo, espera por estes números.

—Ao apelo aqui feito a pedir selos para o cronista, responderam: Senhora Branca Pimenta do Porto, e o Senhor Ernesto Lara, de Coimbra, o que muito tenho a agradecer.

Falta o album...

Daniel Borges da Silva

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Graças a Deus, o fiozinho de água, ainda que por vezes pareça secar, mantém-se com uma regularidade extraordinária.

Da Rua da Raza em Vila Nova de Gaia 20\$00. E trinta de Boassas do Douro. Cinquenta deles da Capital. O assinante de Lisboa, n.º 6790, pagou a assinatura e simultaneamente enviou 50\$00 para a Conferência e gostaria que fossem destinados para comprar medicamentos para alguma criança tuberculosa, mas se houver alguma necessidade mais urgente não se faça caso do meu desejo. De Algés, também na Capital, mais cinquenta mil reis. O assinante 5987 mandou 20\$00. Angela Lobão, a exemplo do assíduo e conhecido Bêbé n.º 3, fica a dar 10\$00 mensais; venham outros assim. Agora 100\$00 de Saudade Eterna. Da Mariaxinha 50\$00. Chegou a vez a Lourenço Marques! A Princesa Africana! A cidade que o «Gaiato» conquistou e que nos conquistou! Daqui saúdo todos, todos os nossos amigos, com saudades sem fim! A África conquista os corações. Perdoem-me, mas o desabaço não consentiu que registasse a importância recebida — 50\$00. E igual quantia de uma assinante de «O Gaiato». A Ceuzinha e a Maria lembraram-se também dos nossos pobres. Que Deus lhes pague. E mais nada. Até à próxima quinzena, se fizerem favor.

JÚLIO MENDES

Do que nós necessitamos

Mais 100\$ de uma Portuguesa que se compadece dos pobres. As alunas do Liceu Rainha D. Leonor dão 25\$00. Mais 100\$ do Barreiro. A mãe de 5 filhos de Lisboa que ora manda 50\$ para a viúva dos 8 filhos, fique sabendo que temos recebido regularmente todas as quantias que ela manda. Estou farto de dizer que nós aqui recebemos tudo, tudo. Cá vem dar. Nada se perde no caminho. Mais 20\$ de Lordelo. Mais 150 de uma professora oficial. É preciso ter-se muito boa vontade para dar tanto, quem, pela sua posição pode tão pouco. Mais de Gaia 50\$. Mais 20\$ de algures. Outro tanto de Ilhavo. Quinhentos de lá perto; Aveiro. Mais 50\$ pelo bom êxito dum exame. Mais 20\$ do Porto referente a economias de tabaco. Mais de Lisboa 1.000\$ duma promessa. Mais 50\$ de Maria Isabel. Mais roupas da Alfaiataria Infantil do Porto. Mais um cheque de duzentos dólares da América do Norte. Não tenho remédio se não ir buscar o que lá ficou... Mais 500\$ tirados ao que o meu marido ganha. Naquele tempo dava-se assim. Nós hoje temos necessidade de repetir os feitos daquele tempo; porque ele é agora, se nós soubermos vivê-lo. Mais mil cruzeiros do Rio de Janeiro. Mais 20\$ de Torres Novas. Mais 500\$00 com muito amor. Mais 100\$ dum estudante. Mais dos hospedes da pensão Gerasiana 472\$. Mais 50\$ de Lisboa. Mais 40\$ de algures. Mais 100\$ de Vila do Conde. Mais cem de Mafra. Mais 50\$ de relíquias. Mais 40\$ de Aveiro. Mais 20\$ de Guimarães. Mais 50\$ de Lourenço Marques. Mais duzentos de Porto de Mós. Sim senhor, digo aqui àquela *uma mãe* que tudo se recebeu. Mais de Catumbela 500\$. Mais do Club Ginástico Português do Rio, 5.000 cruzeiros. Mais 3.000\$00 do Sr. Neves. Mais 50 angolares de Benguela de 7 pequeninos da 4.ª classe. Mais duzentos escudos de uma subscrição de Milheirós. Mais um oficial de Viana do Castelo 500\$. Mais 600\$ depositados no Banco Espírito Santo. Mais de Quelimane um cheque de 3.695\$90, dinheiro este entregue por alguém no Comissariado da Polícia daquela cidade e o pedido de o fazer chegar às nossas mãos. Cá chegou. Cá está. Saúdares a todos os de Quelimane, nomeadamente ao Sr. Amado que nos deu coisas tão boas enquanto ali estivemos! Mais de Bangai, África Equatorial Francesa, 200\$, por devoção de um filho que vive e que morreu em Brazaville. Que Deus conforte este pai! Mais de Lisboa um pequenino manga de alpaca envia 20\$ dum dia de trabalho e outro dá cinquenta da mesma sorte. Mais 100 angolares de Quitoto, tirados do meu primeiro ordenado. Mais de Novo Redondo um cheque de 2.000\$ para o jornal e também para os Pobres. África à vista. África Oriental e África Ocidental, Francesa, Belga, Inglesa. Protestantes, Católicos, Judeus. Descrentes. Revoltados. Das esquerdas e das direitas. Tudo. Todos.

Adquirir «O BARREDO»

Ainda restam alguns exemplares